

*Consulta sobre
Qualidade
da Educação
na Escola*



Campanha NACIONAL
pelo **DIREITO** à
EDUCAÇÃO

	Ação Educativa Documentação
CÓDIGO:	03.04.07
	Cam
	com Data 17/12/02

nr. 2

CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA



Campanha NACIONAL
pelo **DIREITO à
EDUCAÇÃO**

Novembro 2002

Iniciativa

Campanha Nacional pelo Direito à Educação

Instituição responsável

Ação Educativa, São Paulo

Equipe Coordenadora da Pesquisa

Camilla Croso Silva, Carmen Lucia Bandeira, Delma J. Silva, Maria Malta Campos, Nilda Stecanela Chiaradia, Nilton Bueno Fischer

Coordenação em Pernambuco

Centro de Cultura Luiz Freire

Equipe de Pesquisa: Carmen Lucia Bandeira, Delma J. Silva, Rogério J. Barata, Marta Azevedo, Doralice Rodrigues, Tânia Bazante, Celane Camarão

Coordenação no Rio Grande do Sul

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Equipe de Pesquisa: Nilton Bueno Fischer, Nilda Stecanela Chiaradia, Jussemar Weiss Gonçalves, Luciana Taís Moreira, Maria Beatriz P. Tilton, Nara Ramos, Tânia R. Raitz

Assessoria

Maria Malta Campos

Tratamento estatístico

Míriam Bizzocchi

Colaboração

Fundação Carlos Chagas

Escolas que participaram da pesquisa

Em Pernambuco: Escolas Municipais Henfil e Pedro Augusto, Escolas Estaduais Padre João Barbosa e Ginásio Pernambucano, Colégio Radier, de Recife; Escolas Municipais Maria de Fátima e Paudalho, Escolas Estaduais Tancredo Neves e Confederação do Equador, Colégio Salesiano, do interior de Pernambuco (Paudalho e Carpina)
No Rio Grande do Sul: Escola Municipal Gilberto Jorge, Escolas Estaduais Alvarenga Peixoto, Odila Gay da Fonseca e Cândido José de Godói, Colégio Santa Teresa de Jesus, de Porto Alegre; Escola Cenecista Bom Pastor, de Nova Petrópolis; Escola Municipal Machado de Assis e Instituto Estadual de Educação Cristóvão de Mendonza, de Caxias do Sul; Escola Municipal Cidade do Rio Grande, de Rio Grande; Escolas Estaduais Paulo Freire e Cilon Rosa, de Santa Maria.

Expediente

Coordenação Editorial: Camilla Croso Silva

Produção de Texto: Camilla Croso Silva, Maria Malta Campos e Simone Dias

Revisão: Adriana Cristina Bairrada

Projeto Gráfico e Ilustrações: Estúdio Rabiscos

Fotolito e impressão: Efeitograph

Tiragem: 2000 exemplares

Agradecimentos

Vera Masagão Ribeiro, Marialva Rossi Tavares

Novembro 2002

Índice

<i>Constituição Federal – Artigos 205 e 206</i>	5
<i>Apresentação</i>	6
<i>Como foi feita a Consulta</i>	7
<i>As concepções de qualidade</i>	8
<i>Os aspectos centrais da qualidade</i>	9
<i>A escola dos sonhos</i>	12
<i>O prazer de ir à escola</i>	13
<i>O dia mais feliz na escola</i>	14
<i>Satisfação no trabalho</i>	15
<i>Como melhorar o trabalho na escola</i>	15
<i>O envolvimento dos pais com a escola</i>	17
<i>Você quer aprender mais?</i>	18
<i>Conclusões</i>	19
<i>Como agir: Algumas recomendações</i>	21
<i>Bibliografia</i>	22
<i>Anexo 1: Distribuição dos entrevistados por escola</i>	23
<i>Anexo 2: Perfil dos entrevistados</i>	24

"O tempo que levamos dizendo que para haver alegria na escola é preciso primeiro mudar radicalmente o mundo é o tempo que perdemos para começar a inventar e a viver a alegria. Além do mais, lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança do mundo."

PREFÁCIO DE PAULO FREIRE DO LIVRO:

SNYDERS, GEORGES. *Alunos felizes:*

Reflexões sobre a alegria na escola a partir de
textos literários. SÃO PAULO: PAZ E TERRA.

1993, p. 10.

Constituição Federal– 1998

República Federativa do Brasil

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- V – valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos – nova redação desse inciso de acordo com a emenda constitucional n.19, de 4-6-1988;
- VI – gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
- VII – garantia de padrão de qualidade.

Constituição Federal de 1998 – Senado Federal

Título VIII: Da Ordem Social

Capítulo III: Da Educação, da Cultura e do Desporto

Seção I: Da Educação

Apresentação

Em outubro de 1999, um amplo conjunto de organizações da sociedade civil lançou a Campanha Nacional pelo Direito à Educação, a qual tem como missão “efetivar os direitos educacionais garantidos na Constituição, através de ampla mobilização social, de forma a que todos tenham acesso a uma escola pública de qualidade”. Essa Campanha quer disseminar amplamente o conceito de educação como direito social, focalizando a qualidade, o financiamento e a gestão democrática da educação, assim como a valorização de seus profissionais.

A Campanha é dirigida por representantes da Ação Educativa, Centro de Cultura Luiz Freire, Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), Observatório da Cidadania/Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e Centro de Defesa da Criança e do Adolescente do Ceará (Cedeca-CE) e Actionaid. Mais de setenta outras organizações fazem parte da Campanha em nove estados do país.

Preocupada em entender como a comunidade escolar percebe a questão da qualidade na escola e partindo da premissa de que esse conceito de qualidade deve ser construído por aqueles diretamente envolvidos na escola e no seu entorno, a Campanha decidiu realizar uma pesquisa (a qual passaremos a chamar de Consulta ao longo deste caderno), junto a esta comunidade. O trabalho foi realizado em escolas de ensino fundamental e médio de Pernambuco e do Rio Grande do Sul, ouvindo professores, diretores, funcionários, alunos, seus pais e responsáveis e pessoas da comunidade próxima à escola – crianças e adolescentes fora da escola, jovens, adultos e idosos.

A Campanha quis, com esta Consulta, atingir os seguintes objetivos: 1) acolher os pontos de vista de pessoas que geralmente estão excluídas do debate sobre políticas e práti-

cas educacionais; 2) levar as pessoas a refletir sobre a qualidade da educação na escola; 3) construir um conceito mais humanista e abrangente sobre qualidade; 4) chegar a uma síntese final que possa ser amplamente disseminada de modo a apoiar as demandas sociais por qualidade em educação.

O tema da Consulta constitui hoje uma questão que diz diretamente respeito ao direito à educação. Com efeito, além de se garantir o acesso de todos à escolaridade básica, é preciso questionar qual a educação que se almeja para a construção de uma sociedade mais democrática e solidária e até que ponto a escola que chega até os diversos segmentos sociais responde às exigências contemporâneas de aprendizagem e respeita o direito de alunos e profissionais da educação de se desenvolverem como seres humanos.

Assim, a Consulta abrangeu aspectos do funcionamento escolar, geralmente colocados em segundo plano pelos levantamentos oficiais de grande escala, muito mais preocupados com a medida dos resultados de aprendizagem dos alunos. Esses são, evidentemente, importantes e devem ser acompanhados. Porém, sem considerá-los como parte de processos dinâmicos, situados em determinados contextos e tempos históricos, vividos por protagonistas com identidades diversas – quanto a classe social, gênero, raça/etnia, idade, região, tipo de inserção na escola e no bairro –, os resultados de aprendizagem, isoladamente, não permitem uma avaliação abrangente da qualidade da educação nas escolas.

A qualidade da educação não pode ser avaliada sem que se considere a cultura da escola, seu ambiente de interações. O ambiente físico e humano no qual acontecem os processos pedagógicos é formador de atitudes e comportamentos, assim como determina a maneira pela qual todos os envolvidos – estudantes, profissionais, familiares – constroem seu conhecimento.

Como foi feita a Consulta

Foram ouvidas 626 pessoas, sendo 287 de Pernambuco e 339 do Rio Grande do Sul (ver Anexo 1 para localizar a distribuição por escolas e Anexo 2 para conhecer o perfil dos entrevistados). Os estados de PE e RS foram escolhidos por representarem contextos diversos, com históricos, culturas e realidades distintas.

Em cada estado, as equipes selecionaram onze escolas, contemplando uma gama de situações: escolas municipais, estaduais e particulares; urbanas e rurais; nas zonas centrais e periféricas da cidade. As escolas foram selecionadas levando em conta o conhecimento dos pesquisadores sobre as cidades, os bairros e as escolas, sua inserção no sistema de ensino e os contatos que pudessem favorecer a adesão das equipes escolares à realização da Consulta.

Nas escolas procurou-se entrevistar alunos matriculados nas quartas e oitavas séries do ensino fundamental e nas terceiras séries do ensino médio, contemplando igualmente meninos e meninas. Os professores foram selecionados de forma a incluir dois da quarta série, quatro da oitava e quatro da terceira série do ensino médio, que lecionavam diferentes matérias, procurando incluir professores e professoras. Foram também entrevistados o diretor ou diretora e três funcionários. Os entrevistados de fora da escola foram: duas crianças e dois adolescentes que não estavam estudando; dois jovens, dois adultos e duas pessoas idosas.

O questionário incluiu perguntas abertas e listagens de diferentes critérios de qualidade sobre os quais os consultados opinaram. A relação de critérios procurou contemplar perspectivas diversas e até antagônicas sobre a qualidade. Por exemplo, o item “exige aproveitamento para aprovar” foi incluído, levando-se em conta a polêmica que existe hoje no país sobre a introdução dos ciclos de ensino fundamental; da mesma forma, o item “exige disciplina” responde às concepções mais tradicionais de ensino. Também foram

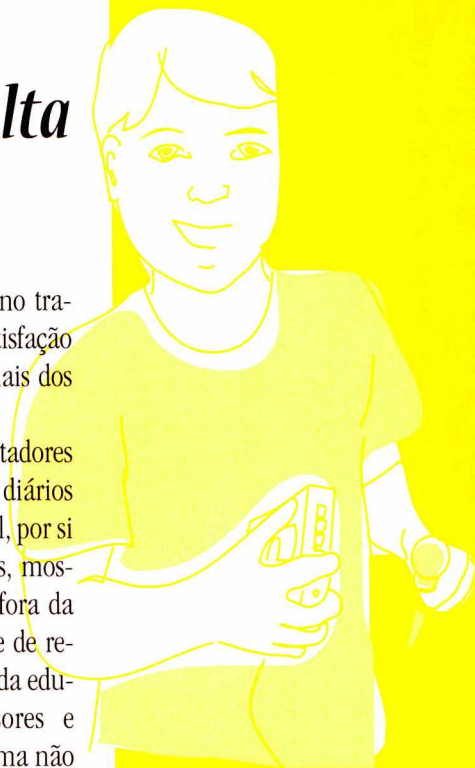
incluídas questões sobre a satisfação no trabalho dos profissionais da escola, a satisfação dos alunos, as expectativas educacionais dos entrevistados, entre outras.

A experiência vivida pelos entrevistadores em campo foi registrada por meio de diários de campo, fotos e vídeos. Esse material, por si só, constitui uma fonte rica de dados, mostrando como as pessoas de dentro e fora da escola valorizaram essa oportunidade de refletir e se expressar sobre a qualidade da educação. Em alguns casos, professores e funcionários constataram que esse tema não costuma ser abordado em suas escolas e manifestaram seu interesse em aprofundá-lo.

Os diversos segmentos entrevistados foram agrupados em 3 categorias de entrevistados, para simplificar a descrição dos dados: 1. alunos; 2. professores, diretores e funcionários; 3. outros (pessoas de fora da escola – pais ou responsáveis, crianças e adolescentes sem estudar, jovens, adultos e idosos).

Os dados quantitativos foram analisados utilizando o programa estatístico SPSS (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais) e os qualitativos usando o Alceste, um programa de análise de conteúdo desenvolvido por uma equipe francesa, que utiliza um sistema de análise estatística de dados textuais, visando descobrir a informação essencial contida em um texto.

O trabalho de campo, realizado no final de 2000, foi planejado e executado por equipes dos dois estados: em Pernambuco, no Centro de Cultura Luiz Freire, de Olinda, e em Porto Alegre, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A Ação Educativa, em São Paulo, foi a instituição responsável pela coordenação geral do trabalho. A análise estatística, a interpretação dos dados coletados e a elaboração do relatório técnico contaram com a colaboração do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo.



As concepções de qualidade

A primeira pergunta do questionário foi: “UMA ESCOLA DE QUALIDADE É...”, na qual se dava voz ao entrevistado para que expressasse livremente sua concepção sobre uma escola de qualidade. Essa pergunta foi feita em primeiro lugar para que as questões seguintes, que ofereciam alternativas ao sujeito, não influenciassem a resposta a essa primeira questão aberta.

As concepções de qualidade que aparecem na Consulta são:

UMA ESCOLA QUE TENHA

E espaço físico adequado, banheiros, computadores, bibliotecas, merenda, local para teatro, esporte e lazer, que seja limpa, organizada e segura e que tenha recursos humanos de qualidade, como bons diretores, professores e funcionários;

UMA ESCOLA QUE ENSINE

Que contemple aspectos comportamentais e condições básicas para que a aprendizagem ocorra. Ou seja, uma escola sem bagunça, onde os alunos prestem atenção, os professores expliquem bem, tenham paciência, onde os professores ensinem e os alunos aprendam;

UMA ESCOLA COM BOAS RELAÇÕES

Onde haja um bom relacionamento entre professores, alunos e pais, onde haja diálogo, carinho, acompanhamento, interesse e compreensão;

UMA ESCOLA QUE RESPONDA AOS ANSEIOS DA SOCIEDADE

Que ajude a resolver os problemas do cotidiano. Os conteúdos, as relações e as metodologias devem estar a serviço da formação do aluno para o futuro;

UMA ESCOLA QUE FORME

E que se preocupe com a qualidade da aprendizagem e o impacto que isso terá na vida do aluno. Uma escola que estimule o usufruto de direitos, a cidadania, a aquisição de consciência e criticidade, de construção de conhecimento para a vida; que se preocupe com a formação humana, a justiça social, a cultura da paz.

ASPECTOS COMUNS ÀS RESPOSTAS DO RS E DE PE

A análise das respostas identificou dois conjuntos básicos de preocupações:

INFRA-ESTRUTURA ESCOLAR E ORGANIZAÇÃO: instalações e equipamentos, conservação e limpeza, pro-fissionais competentes e bom relacionamento entre equipe, alunos e pais. Essas respostas estão associadas aos entrevistados de fora da escola e às crianças, adolescentes e jovens.

CONCEITOS MAIS ELABORADOS: que valorizam a formação do aluno, sua relação com a comunidade e seu preparo para a vida futura. São também mencionados os ideais de democracia, ética, igualdade, justiça e paz. Esse segundo conjunto associa-se principalmente a adultos ligados à escola, especialmente diretores e professores.

O fato de que os temas da limpeza e da bagunça tenham se associado significativamente aos segmentos mais jovens deve ser objeto de reflexão: parece que, ao contrário do que geralmente se assume, a sujeira, a desorganização e a falta de respeito a regras de convivência afetam sim os alunos e são percebidas como características que indicam falta de qualidade da educação na escola.

QUALIDADE. S.F.

- 1 *propriedade que determina a essência ou a natureza de um ser ou coisa.*
- 3 *Uso: sentido absoluto. característica superior ou atributo distintivo positivo que faz alguém ou algo se sobressair em relação a outros; virtude.*

DICIONÁRIO HOUAISS DA
LÍNGUA PORTUGUESA.

Editora Objetiva. 2001.

Os aspectos centrais da qualidade

Desta vez a opinião dos entrevistados foi captada através da questão: “UMA BOA ESCOLA É AQUELA QUE: ...”. Seguiam-se 23 quesitos e as opções “**IMPORTANTE**”, “**MAIS OU MENOS IMPORTANTE**”, “**POUCO IMPORTANTE**”, “**NÃO SABE**”.

Os entrevistados deveriam atribuir a cada quesito um grau de importância por meio dessas opções.

Os quesitos foram:

- é perto de casa
- tem prédio limpo e bem cuidado
- tem merenda boa e que nunca falta
- tem biblioteca, laboratórios, computadores
- proporciona atividades de esporte e arte
- proporciona atividades fora do horário de aulas
- exige disciplina
- exige aproveitamento para aprovar
- paga bem professores e funcionários
- propicia formação em serviço
- favorece o trabalho em equipe dos profissionais
- não superlota salas de aula
- estimula a participação das famílias
- os/as alunos/as gostam de aprender
- estimula a cooperação entre alunos
- estimula iniciativas dos alunos (grêmios, etc.)
- trata bem seus alunos, não importando sua cor ou origem social
- reconhece a realidade do aluno que trabalha
- contempla a diversidade cultural
- prepara alunos/as para o trabalho
- prepara alunos/as para o exercício da cidadania
- prepara alunos/as para cursar uma faculdade
- apresenta um bom projeto pedagógico

Os itens considerados **IMPORTANTES** por um **MAIOR** número de pessoas, tanto em **PERNAMBUCO** quanto no **RIO GRANDE DO SUL**, foram:

- **Os/as alunos/as gostam de aprender**
- **Trata bem seus alunos/as, não importando sua cor ou origem social**

Em **PERNAMBUCO**, outros dois itens foram ressaltados:

- **A escola prepara alunos/as para a cidadania**
 - **Prédio limpo e bem cuidado**
- No **RIO GRANDE DO SUL**, outro item foi ressaltado:
- **Bibliotecas, laboratórios, computadores**

Os itens considerados **IMPORTANTES** por um **MENOR** número de pessoas, tanto em **PERNAMBUCO** quanto no **RIO GRANDE DO SUL**, foram:

- **A escola é perto de casa**
- **Atividades fora do horário de aulas**

No **RIO GRANDE DO SUL**, outro item menos ressaltado foi:

- **A merenda é boa e nunca falta**

Os itens considerados **IMPORTANTES** por um **MAIOR NÚMERO DE ALUNOS**, tanto em **PERNAMBUCO** quanto no **RIO GRANDE DO SUL**, foram:

- **Os/as alunos/as gostam de aprender**
- **A escola prepara os alunos para o trabalho**

Em **PERNAMBUCO**, outro item foi ressaltado:

- **Trata seus alunos/as bem, não importando cor ou origem social**
- No **RIO GRANDE DO SUL**, outro item foi ressaltado:
- **Biblioteca, laboratórios, computadores**

*“Olhando além do livro de leitura
ele aprendeu a ler de um jeito novo
Viu a vida dentro da cartilha
E descobriu que a dança das vogais
Que um dia esconderam no alfabeto
Podia ser de todos, se do povo.”*

**CARLOS RODRIGUES
BRANDÃO**

EXCERTO DO POEMA “*Paulo Freire*”. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Lutar com a palavra*. Escritos sobre o trabalho do educador.

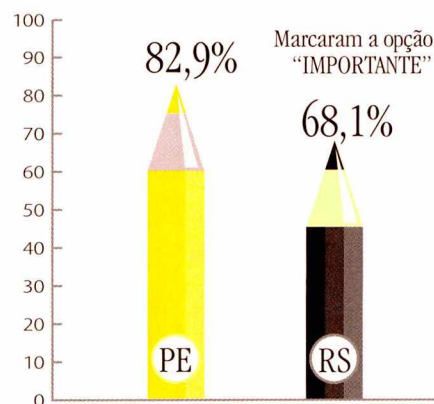
RIO DE JANEIRO: GRAAL, 1982, p. 83.



DIFERENÇAS ENTRE OS RESULTADOS OBTIDOS EM CADA ESTADO

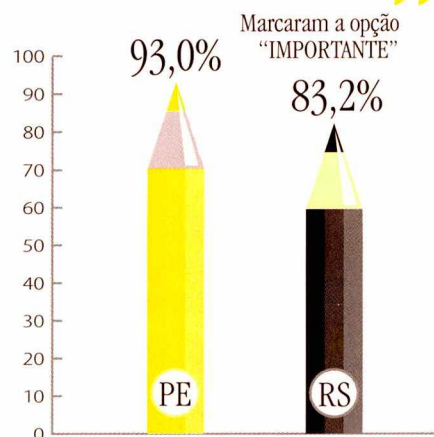
Apesar de os entrevistados de PE e RS geralmente concordarem quanto à atribuição de importância aos quesitos, em três deles houve diferenças significativas:

“... tem merenda boa e que nunca falta”



Esses resultados confirmam a tendência verificada na primeira questão, em que pernambucanos mencionaram a merenda de forma mais significativa.

“... contempla a diversidade cultural”



Com efeito, a equipe de campo de PE relatou que a importância do respeito à identi-

Os itens considerados **IMPORTANTES** por um **MAIOR NÚMERO DE PROFESSORES, DIRETORES E FUNCIONÁRIOS**, tanto em Pernambuco quanto no Rio Grande do Sul, foram:

- Os/as alunos/as gostam de aprender
- Trata bem seus alunos/as não importando sua cor ou origem social
- Prepara os alunos para exercer a cidadania

Em **PERNAMBUCO**, outro item foi ressaltado:

- **Prédio limpo e bem cuidado**
- No **RIO GRANDE DO SUL**, outro item foi ressaltado:
- **A escola estimula cooperação entre os alunos**

Os itens considerados **IMPORTANTES** por um **MAIOR NÚMERO DE PAIS**, tanto em **PERNAMBUCO** quanto no **RIO GRANDE DO SUL**, foram:

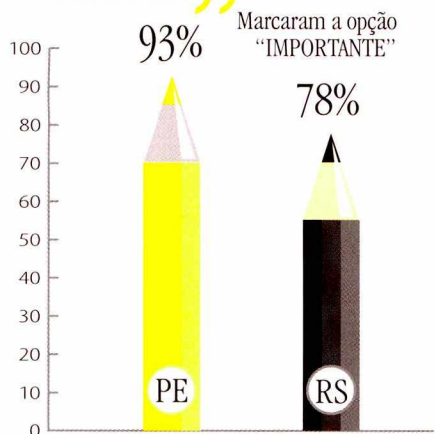
- Os/as alunos/as gostam de aprender
- Trata bem seus alunos/as não importando sua cor ou origem social

Em **PERNAMBUCO**, outro item foi ressaltado:

- **A escola exige aproveitamento para aprovar**
- No **RIO GRANDE DO SUL**, outro item foi ressaltado:
- **Biblioteca, laboratórios, computadores**

dade dos alunos negros e de evitar discriminações esteve evidente em muitas situações da entrevista.

“...prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade”



O motivo que levou os entrevistados do RS a atribuírem menor importância merece aprofundamento.

DIFERENÇAS ENTRE OS TRÊS GRUPOS DE ENTREVISTADOS

Como já foi mencionado, os entrevistados foram divididos em três grupos: alunos, professores, diretores e funcionários (equipe da escola), e outros.

Os alunos gaúchos atribuíram pouca importância aos quesitos relacionados ao salário de professores e funcionários, à formação em serviço desses profissionais, ao trabalho em equipe na escola e à exigência de disciplina. Em todos os outros grupos de entrevistados esses quesitos tiveram maior destaque.

Quanto à exigência de aproveitamento escolar para a aprovação, professores, diretores e funcionários do RS foram os que menos atribuíram importância a ela: 78,4%. Nos dois estados, a categoria outros, na qual os pais têm maior representatividade, apresentou um alto grau de adesão a esse critério. Essa diferença encontrada no RS talvez possa ser explicada pela maior difusão dos ciclos de



aprendizagem nesse estado, em vez do regime seriado. Apesar disso, vale notar que as porcentagens da opção “importante” são altas para todos.

Também foram as equipes escolares do RS que atribuíram menor importância ao item “prepara alunos/as para cursar uma faculdade”: somente 52% optaram por “importante” nesse quesito, em comparação aos 84% de seus colegas de PE e porcentagens acima de 89% nas demais categorias.

Os alunos de ambos os estados tendem a divergir sobre a importância das atividades fora do horário escolar, o que não ocorre nas duas outras categorias. Com menores diferenças, observa-se o mesmo no quesito “oferece atividades de esporte e arte”.

A participação das famílias é menos valorizada pelos alunos, especialmente os gaúchos, dos quais 70,2% consideraram-na “importante”, em comparação com 85,9% dos pernambucanos.

Mais divergências entre os alunos apareceram no item “reconhece a realidade do estudante que trabalha”, no qual 84,5% optaram por “importante” no RS contra 92,4% em PE.

No item sobre diversidade cultural os alunos e os entrevistados gaúchos agrupados em “outros” apresentaram porcentagens mais baixas de escolha de “importante”, e nenhum entrevistado pernambucano registrou a resposta “não sabe”, o que ocorreu com certa frequência no RS. Esse dado pode indicar uma maior familiaridade da população pernambucana com o tema.

A escola dos sonhos

A pergunta seguinte do questionário foi “COMO SERIA A ESCOLA DE SEUS SONHOS?”. Essa formulação, ainda que semelhante à da pergunta “UMA ESCOLA DE QUALIDADE É...”, teve a intenção de estimular os entrevistados a revelar mais livremente seus anseios e expectativas em relação a uma escola “ideal”.

FORMAÇÃO E CIDADANIA

Um primeiro grupo de resposta destaca a importância da formação integral dos alunos e a vivência da cidadania, ou seja, uma escola que interaja com a comunidade local, que prepare os alunos para a vida e que lhes dê a perspectiva de um mundo melhor.

“...onde todos os professores lutassem pelo mesmo objetivo, que é a formação integral do aluno”

INFRA-ESTRUTURA

Um segundo grupo de respostas está mais centrado nos aspectos de infra-estrutura material da escola, tais como prédios, equipamentos, laboratórios, biblioteca, além da limpeza, organização e boa merenda. Houve uma grande valorização da informática e muita ênfase às práticas esportivas e artísticas. Foi também destacada a importância de bons professores que sejam bem remunerados.

“...com espaço físico suficiente, tempo integral, um turno com aula e outro com oficinas, esportes, laboratórios, por aptidão; manhã parte teórica e tarde parte prática”

BOAS RELAÇÕES E AFETIVIDADE

Um terceiro grupo de respostas privilegia os aspectos comportamentais. Fala-se de mais respeito entre alunos e professores, cooperação entre todos e a participação da comunidade escolar no planejamento do projeto pedagógico.

“...aquela que contemplasse todos os amigos que eu já tive”

A afetividade, o “clima”, a motivação para aprender e o “sentir-se bem” são aspectos que garantiriam o prazer dos educadores e o estímulo aos educandos. A escola seria um lugar onde professores, alunos e comunidade pudessem aprender — não apenas em termos de conhecimento, mas de vivência, experiência e afetividade. Outra idéia bastante defendida é a não-discriminação.

“A escola deveria ser de paz, para as pessoas se sentirem bem felizes”

“...que o estudo seja igual para pobre e para quem não é pobre”

Alguns entrevistados citaram sua própria escola como a “dos sonhos”. Houve poucas respostas negativas, pessimistas quanto à existência de uma escola diferente.

“Até agora, pelo que eu estou vendo, a gente tem de exigir que não piore mais, porque do jeito que as escolas estão, deveria ter ajuda dos governos municipal, estadual e federal, para melhorar a escola por completo”

De forma geral, os aspectos mencionados referem-se às condições de funcionamento e às características consensuais de uma boa escola: boas instalações — o que inclui espaço para Educação Física —, limpeza, organização, bons professores, alunos motivados. São mencionados também, com bastante ênfase: convivência humana saudável, tratamento igualitário, clima de colaboração, amizade.

Os resultados indicam que a instituição “escola” ainda é vista com esperança. A escola dos sonhos revela que a maioria dos entrevistados ainda acredita em uma educação de qualidade.

Depois de uma longa espera
consegui, finalmente, plantar o meu
jardim. Tive de esperar muito tempo
porque jardins precisam de terra para
existir. Mas a terra eu não tinha. De
meu, eu só tinha o sonho. Sei que é nos
sonhos que os jardins existem, antes
de existirem do lado de fora. Um
jardim é um sonho que virou
realidade... Mas os sonhos, sendo
coisas belas, são coisas fracas.
Sozinhos, eles nada podem fazer:
pássaros sem asas... São como as
canções, que nada são até que alguém
as cante; como as sementes, dentro
dos pacotinhos, à espera de alguém
que as liberte e as plante na terra.

RUBEM ALVES

Jardins

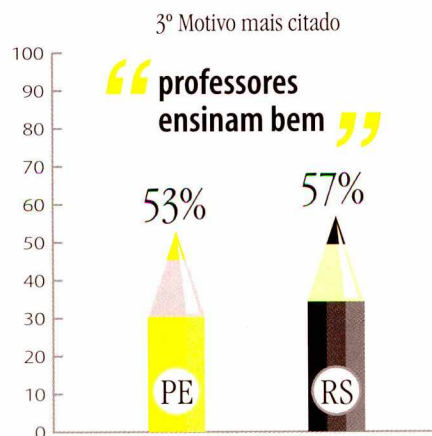
www.rubemalves.locaweb.com.br

2002

O prazer de ir à escola



Perguntou-se aos alunos, pais e responsáveis SE OS ALUNOS GOSTAVAM DE IR À ESCOLA E POR QUÊ.



A maioria dos alunos (95,7% em PE e 89,3% no RS) declarou gostar de ir à escola. O motivo mais citado foi “gosta de encontrar amigos e colegas” (62% em PE e 68% no RS); o segundo e o terceiro motivos mais citados foram “gosta de aprender” e “professores ensinam bem” (36% em PE e 43% no RS, como 2º motivo e 53% em PE e 57% no RS, como 3º motivo). Outro segundo motivo muito citado é “gosta dos professores” (35% em PE e 24% no RS).

As respostas dadas pelos pais ou responsáveis assemelham-se bastante às dadas diretamente pelos alunos. O motivo mais citado também é “gosta de encontrar amigos e colegas” (52% em PE e 67,9% no RS), seguido de “gosta de estudar e aprender”. “Gosta dos professores” também foi bastante mencionado nos dois estados, mas em porcentagens mais altas entre os gaúchos.

Os resultados evidenciam a importância da amizade para as crianças, adolescentes e jovens estudantes, em ambos os estados. Outras pesquisas já haviam indicado esse fenômeno, e parece fundamental avaliarmos se as escolas valorizam ou não esse aspecto da experiência escolar. Devemos nos perguntar: A escola está atenta às relações afetivas entre seus alunos?

Além deles, os profissionais da educação também apontam a importância do relacionamento entre colegas. Chama a atenção também a valorização dada pelos alunos à sua relação com os professores e com o conhecimento.

A ESCOLA
Todo dia,
na escola,
a professora,
o professor.
A gente aprende,
e brinca muito
com desenho,
tinta e cola.
Meus amigos
tão queridos
fazem farra,
fazem fila.
O Paulinho
o Pedrão,
a Patrícia
e a Priscila.
[...]

CLÁUDIO THEBAS

Amigos do Peito.

FORMATO EDITORIAL, 1996

O dia mais feliz na escola



QUINO

Mafalda 2.

MARTINS FONTES,

2002

“QUAL FOI SEU DIA MAIS FELIZ NA ESCOLA?”: Essa pergunta foi dirigida exclusivamente a alunos e alunas. Os principais aspectos captados foram, para cada estado:

RIO GRANDE DO SUL

Entre os alunos das escolas particulares, os eventos esportivos foram os mais citados (19%) e para os alunos das escolas públicas, o sucesso nos estudos (“passar de ano”) aparece em primeiro lugar, correspondendo a 25% dos aspectos citados. Mas a promoção também é importante para os alunos de escolas particulares (11,5%).

Para 35% dos alunos e alunas, os eventos festivos e esportivos assim como os passeios são lembrados como o dia mais feliz na escola. Muitas respostas evocam as alegrias normalmente associadas à infância, momentos lúdicos e de brincadeira, assim como ocasiões de sucesso pessoais tais como apresentações e competições esportivas.

Outras respostas mencionam o primeiro dia de aula como o mais feliz, assim como aspectos ligados ao interesse por algumas matérias e aspectos ligados à afetividade e amizades entre colegas e aos professores.

“Foi o dia em que falei com a professora Marlene de português; conversamos sobre a vida, ela me deu muitos conselhos”

Para 9% dos alunos, entretanto, nunca houve um dia feliz na escola.

PERNAMBUCO

O aspecto mais citado pelos alunos de escolas particulares corresponde à preocupação com os resultados escolares – aprovação no final do ano e também orgulho por avaliações positivas em algumas matérias (50%) – seguido do primeiro dia de aula (25%). Já nas escolas públicas, o mais citado corresponde a festas, eventos e passeios (20%) seguido por passar de ano (18%). A amizade e relação com os professores, representando um total de 8% das respostas, bem como o interesse pela aprendizagem de algumas matérias, representando um total de 12,5% das respostas, só foram mencionadas por alunos de escolas públicas. Algumas respostas classificadas em “outros” referem-se a situações de valorização pessoal no ambiente escolar. Para 6% dos alunos, nunca houve um dia feliz na escola.

“Todos os dias na escola são os mesmos. Ainda não teve esse dia ‘mais feliz’ assim não”

Uma particularidade interessante é o fato de o esporte, bastante mencionado no Sul, não ter sido lembrado por nenhum aluno de Pernambuco. Por outro lado, as feiras de ciências e feira cultural não foram mencionadas no Sul, sendo mencionadas por 7% dos alunos de Pernambuco.

O destaque obtido pelas ocasiões especiais em escolas, associadas ou não à aprendizagem de conteúdos curriculares, deveria ser objeto de reflexão dos educadores. Esses eventos tendem a ser desvalorizados porque supostamente “atrapalham” o desenvolvimento dos programas de ensino. No entanto, os resultados obtidos demonstram o quanto essas atividades podem ser mobilizadoras e envolver os alunos intelectual e emocionalmente, anulando a sensação de que “todos os dias na escola são os mesmos”.

Satisfação no trabalho

Diretores, professores e funcionários foram convidados a responder à pergunta “É BOM TRABALHAR NESTA ESCOLA?”, indicando até três motivos para suas respostas, as quais foram analisadas em dois blocos: de um lado, diretores, e de outro, professores e funcionários.

Todos os diretores responderam afirmativamente à questão, e a grande maioria dos demais profissionais também. Poucos responderam com “não” ou “mais ou menos”. Os motivos escolhidos pelos diretores dos dois estados foram variados, mas no Sul houve maior frequência para “gosta de trabalhar em escola” e “tem um bom relacionamento com alunos”. Em Pernambuco, além desses motivos, também foram indicados “tem um bom relacionamen-

to com professores e funcionários”, “tem um projeto pedagógico interessante” e “a escola desenvolve a cidadania”.

Dentre os professores e funcionários dos dois estados, o primeiro motivo de satisfação mais citado foi gostar de ensinar e lidar com alunos (46% em PE e 71% no RS); o segundo motivo mais citado foi ter um bom relacionamento com os alunos e alunas (30% em PE e 38% no RS); o terceiro motivo mais citado foi ter um bom relacionamento com colegas (22% em PE e 33% no RS).

De forma geral, predominaram respostas positivas, fundamentadas em uma satisfação no trabalho ligada à qualidade das relações humanas na escola.

Como melhorar o trabalho na escola

A questão “NO QUE A ESCOLA TERIA DE MUDAR PARA SEU TRABALHO SE TORNAR MAIS SATISFATÓRIO?” foi feita exclusivamente a diretores, professores e funcionários.

RIO GRANDE DO SUL

Os professores das escolas privadas e públicas citaram, na maioria das respostas, aspectos que poderiam ser classificados como incidindo principalmente em questões pedagógicas: formação em serviço (14%), trabalho em equipe (23%), queixas ligadas à avaliação e à promoção dos alunos (7%). Juntos, esses aspectos correspondem a 44% do total. Somente 2% dos professores mencionaram o salário.

A necessidade de alunos mais disciplinados foi citada apenas nas escolas públicas. Reclamações sobre instalações, limpeza, espaço e falta de recursos financeiros e humanos foram apresentadas por 15% dos entrevis-

tados, e não foram as mesmas para profissionais de escolas públicas e particulares. Por exemplo, enquanto um professor de escola pública mencionou a falta de água, outro, de um estabelecimento técnico rural privado, alertou para a necessidade de haver uma estação meteorológica em sua escola.

Examinando as respostas dos funcionários dessas escolas, nota-se que a maior parte deles reivindica mudanças relativas à cantina, às merendas, aos recursos e à infra-estrutura (28%), e, em segundo lugar, à valorização de seu trabalho (12%).

“ A merenda é um ato pedagógico.
Ensinamos como comer, como usar
o banheiro ”

Ainda dentre os funcionários, destacaram-se questões como a importância das ati-

A melhor qualidade revela-se na sensibilidade do gesto docente, na orientação de sua ação para trazer o prazer e a alegria ao contexto de seu trabalho e da relação com os alunos. Alegrias no melhor sentido, resultante do contato com o mundo e da ampliação do conhecimento sobre ele.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Compreender e Ensinar.

CORTEZ, 2001

*O que você está fazendo?
Assentando um tijolo. E você, faz
o mesmo?
Não! Estou construindo uma
catedral!*

*O que você está fazendo?
Dando uma aula! E você, faz o
mesmo?
Não! Construo um país, formo
uma geração!*

PAULO RONCA E

CLEIDE TERZI

*A aula operatória e a
construção do conhecimento.*

EDESPLAN, 1996

vidades culturais e a necessidade de melhorar a comunicação com os pais sobre o funcionamento da escola. Finalmente, para 20% deles não são necessárias mudanças significativas.

“ Se nunca levar uma criança ao teatro, como ela vai saber o que é teatro? E se nunca levar ao cinema, como ela vai gostar de cinema? São coisas da cultura, tem que ter cultura, porque cultura é uma coisa que prepara a gente para a vida ”

As respostas dos diretores foram bastante variadas. Referiram-se, entre outras questões, à estrutura de organização da escola, à superlotação das salas de aula, à participação da comunidade, ao comprometimento dos professores com seu trabalho e à realização de mais atividades culturais em horários alternados.

PERNAMBUCO

As respostas dos professores pernambucanos foram, de maneira geral, semelhantes às de seus colegas gaúchos. Alguns aspectos, porém, adquiriram maior frequência e ênfase, o que revela sua insatisfação com as condições escolares: 30% (o dobro do RS) mencionam a necessidade de prédios limpos, equipamentos e material didático, e 10% dos professores de escolas públicas afirmaram que “tudo” deve mudar, resposta que inexistiu no RS.

“ As salas cheias, o prédio está em péssimas condições porque estamos em reformas; não tem água, os banheiros são horríveis, os bebedouros dão infecção urinária, não tem laboratório de informática, ventilador ”

As questões pedagógicas também foram ressaltadas: formação em serviço e cursos foram mencionados por 11% dos professores, e a necessidade de um projeto pedagógico e de trabalho em equipe, por 9% dos entrevistados. Assim como ocorreu no RS, manifestou-se a

preocupação, e mesmo a discordância, em relação ao sistema atual de avaliação e promoção de alunos, com ênfase na necessidade de maior rigidez quanto à aprendizagem e à promoção. No que se refere às condições de trabalho, 5% dos entrevistados criticaram os salários, e 4%, o alto número de alunos por sala de aula. A menção a interferências políticas, feita por 4% dos professores pernambucanos, não surgiu entre os gaúchos.

“ Teria de desbloquear, dar espaço para a liberdade de expressão de professores e alunos. Democratizar ”

De forma geral, parece que as condições concretas de trabalho oferecidas pelas escolas, inclusive as particulares, estão muito aquém das expectativas dos professores. Portanto, a falta de preparo desses profissionais não é a única causa dos resultados insatisfatórios na aprendizagem, o que deve ser motivo de reflexão.

Os funcionários das escolas pernambucanas, inclusive das particulares, direcionaram suas queixas principalmente à precariedade dos prédios e à falta de equipamentos e de material (39%), o que confirma a tendência observada nas respostas dos professores. Foram reivindicados também a troca de horários, a contratação de novos funcionários e a redução das “cobranças da diretoria” (30%). A questão salarial foi mencionada por 13% dos funcionários. Outros aspectos citados foram a necessidade de policiamento noturno, o fim da interferência política e um maior compromisso dos professores.

Os diretores pernambucanos levantaram pontos semelhantes aos citados por seus colegas gaúchos. Foram mencionadas as seguintes questões: a interferência política local, a melhoria da infra-estrutura física, a implantação do horário integral para alunos e professores e o sistema de avaliação por conceitos.

O envolvimento dos pais com a escola

A questão “QUE TIPO DE ENVOLVIMENTO O/A SENHOR/A GOSTARIA DE TER COM A ESCOLA DE SEU FILHO/SUA FILHA?” foi aplicada somente aos pais e responsáveis.

RIO GRANDE DO SUL

O primeiro aspecto a ser ressaltado nessas respostas é a valorização da participação. Na maior parte dos depoimentos os pais reafirmam sua participação junto à escola ou declaram que gostariam de participar mais. Poucos entrevistados se dizem impossibilitados de participar, por falta de tempo ou por seu trabalho, e outros alegam que a escola cumpre seu papel, e por isso não há necessidade de ajuda.

Do total, 16% dos entrevistados querem se envolver por meio do conselho de pais e mestres, 11% desejam um contato maior com os professores e outros 11% querem se envolver em passeios, festas, atividades artísticas e eventos esportivos. Alguns revelam que não sabem como essa participação poderia se dar (14%).

“Busco acompanhar a trajetória dos meus filhos na escola, por isso considero importante a abertura ao diálogo por parte dos professores.”

Abaixo há um quadro comparativo com as principais disparidades apresentadas entre escolas particulares e públicas.

	Escolas particulares	Escolas públicas
Atividades festivas	21%	6%
Assuntos diretamente ligados ao ensino	25%	–
Trabalho voluntário, união, diálogo	–	11%



PERNAMBUCO

Os entrevistados de PE também se mostraram majoritariamente favoráveis à participação. As reuniões foram o aspecto mais abordado (27%), tanto nas escolas públicas como nas particulares. Alguns pais alegam comparecer sempre, outros reclamam da falta de reuniões. Em algumas respostas esses contatos receberam críticas.

“Gostaria de participar um dia de uma reunião que eu dissesse o que eu sinto e estou vendo”

A disposição em participar aparece muitas vezes associada à vontade de saber mais sobre o que acontece na escola (16%) e sobre o(a) próprio(a) filho(a) (14%). Nenhuma resposta de PE mencionou explicitamente o conselho escolar, a associação de pais e mestres nem outra forma de gestão colegiada da escola.

A disponibilidade para ajudar e a menção explícita ao tipo de trabalho que poderiam desenvolver aparecem em um número significativo de respostas, principalmente de pais de escolas públicas (16%). Foram apresentadas, entre outras, opções como organização de atividades esportivas, ajuda na limpeza, na segurança, em consertos, em caso de funcionários ausentes, na merenda, na educação sexual e na contagem de histórias aos alunos.

[...]
Professora Rosimar
Foi a autora da proeza,
Pelo céu nos conduziu
Com uma grande firmeza:
Você pode confiar,
Voar é uma beleza.

[...]
Você nem sabe quem veio
Com a gente conversar.
Rosimar chamou os pais
Para na aula falar.
Rosa, que benze, explicou
Como com plantas curar.

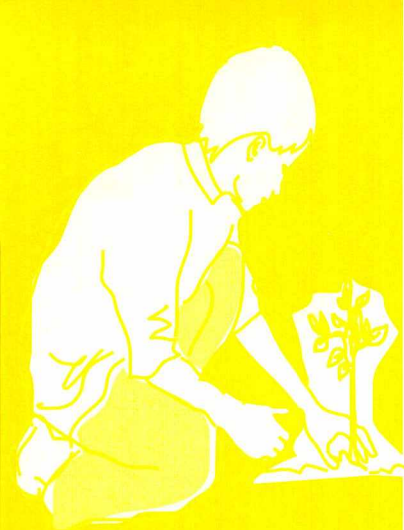
[...]
João pescador ensinou
Como peixes apanhar.
Romana que é parteira
Veio para explicar
Como nascem os bebês
E como deles cuidar.

JOSÉ PESSOA DE ARAÚJO E
MAZDA EDNIR

A incrível história da professora
Rosimar que aprendeu a
ensinar o boi a voar.

Chamada à ação.

FUNDAÇÃO VÍCTOR CIVITA,
2002



*Viver, e não ter a vergonha de ser feliz.
Cantar, e cantar, e cantar a beleza de
ser um eterno aprendiz.
Eu sei que a vida devia ser bem
melhor, e será!
Mas isso não impede que eu repita:
é bonita, é bonita e é bonita!*

GONZAGUINHA

O que é, o que é.

Você quer aprender mais?

A última pergunta do questionário, “O QUE OS ENTREVISTADOS SENTEM NECESSIDADE OU VONTADE DE APRENDER”, foi aplicada a todos os segmentos: alunos, professores, diretores, funcionários, pais ou responsáveis e outras pessoas da comunidade.

Um primeiro grupo de respostas, particularmente associado ao universo adulto proveniente de escolas particulares do RS, evidenciava a preocupação de aprender mais sobre relações humanas, comunicação humana, psicologia e filosofia. Algumas respostas associam essa aspiração ao ofício de educador, revelando a vontade de entender melhor os alunos e de saber motivá-los. Outras respostas incluem um desejo de entender o mundo criticamente, ajudando a compreender melhor o papel do professor e o porquê de a humanidade caminhar no rumo que segue.

Um segundo grupo de respostas refere-se a cursos especializados, à ampliação de conhecimentos, tais como pedagogia, bioquímica, dança, natação, história, arte, geografia, línguas, matemática, física, turismo, ioga, computação, ciência política, jornalismo, literatura, sociologia, psicologia, filosofia, entre outros. Evidencia-se o desejo de aperfeiçoamento, especialização, atualização e ampliação de conhecimentos. Em muitos trechos percebe-se o entrevistado refletindo sobre seus conhecimentos e projetos de vida.

“A escola não é o limite de nada, é sempre um começo, uma linha sem fim”

Um terceiro grupo, particularmente associado a pessoas de fora da escola — como os pais — expressa o desejo de voltar a estudar ou terminar os estudos. Muitos gostariam de dominar conteúdos básicos, como leitura e aritmética, o que revela que provavelmente não completaram o ensino fundamental. São donas de casa que freqüentemente aludem ao curso de corte e costura, bem como

jovens que querem voltar a estudar e diversificar seus conhecimentos, às vezes em muitas direções diferentes. Alguns dizem não querer mais estudar em razão de sua idade e outros apresentam uma contradição nas suas respostas, expressando ao mesmo tempo a vontade de aprender e o desânimo.

“Atualmente tenho muito desejo de me expressar melhor, vontade de desenvolver alguma coisa pelo povo, pelo cidadão.”

Um último grupo, particularmente associado a crianças, adolescentes e jovens, escolas públicas e o estado de Pernambuco, focaliza sobretudo informática, línguas e culinária. Aprender a dirigir é também um desejo recorrente. As aspirações são diversas e indicam indivíduos de classes sociais distintas, alguns com expectativas de chegar ao nível superior e outros com dificuldades para obter qualificação técnica. Destaca-se o interesse por ciências e matemática.

Os resultados, como visto, expressam uma intensa vontade de aprender, presente em todos os grupos de entrevistados, ainda que alguns manifestem uma certa descrença em sua concretização.

A variedade de assuntos e de atividades citadas também chama a atenção: os interesses se abrem para artes em geral, filosofia, ciências, artesanato, conhecimentos técnicos e, ao mesmo tempo, incluem as habilidades básicas às quais muitos não tiveram acesso, como ler, escrever ou contar. Muitas respostas associam essa vontade de aprender ao desejo de contribuir para um mundo melhor, potencial que pode ser revertido em conquistas sociais, se desenvolvido.

“...aprender a encontrar saídas... me envolver com uma Campanha como essa ou criar outras”

Conclusões



A COMUNIDADE ESCOLAR

Os resultados da Consulta evidenciam, primeiramente, que a comunidade escolar constitui um universo pleno de idéias, reflexões, projetos e expectativas. No entanto, muitas pesquisas e documentos que subsidiam políticas educacionais parecem ter uma visão diferente da base do sistema escolar e supõem que as escolas sejam territórios despovoados de idéias e vontades. A expressão de diretores, professores, funcionários, alunos, pais e demais integrantes das comunidades escolares consultadas revela concepções amadurecidas e convictas sobre o que é uma escola de qualidade; essas comunidades precisam ser ouvidas para o aperfeiçoamento da educação que efetivamente chega até a população.

CONCEPÇÃO DE QUALIDADE

Podemos tirar uma segunda conclusão: a de que tais concepções não são uniformes ou consensuais. Existem diferentes maneiras de entender o conceito de qualidade, diversos critérios de avaliação da escola e distintos conhecimentos e experiências em que os entrevistados se fundamentam para expressar opiniões.

No entanto, a consulta aponta para a existência, entre os atores educacionais da escola, de uma concepção de qualidade predominantemente humanista, preocupada com a qualidade das relações humanas na escola, e que a concebe como espaço de socialização no qual deve haver o respeito ao aluno. Destacaram-se vários aspectos que

caracterizam o ensino e a aprendizagem como processos carregados de afetividade e interações humanas. As amizades e o coleguismo foram muito valorizados.

A concepção predominante também demonstra a importância atribuída à aprendizagem e uma preocupação com o fim último da educação, seja ele o trabalho ou o exercício da cidadania. A Consulta demonstra que há prazer no processo educacional que ocorre no âmbito da escola, seja por parte dos alunos, seja por parte dos profissionais da educação. Isso nos leva a crer que é possível recuperar o papel social da escola como ambiente de socialização e instância privilegiada de aprendizagem.

Além disso, as condições básicas do funcionamento escolar aparecem intimamente associadas às concepções de qualidade: limpeza, organização, equipamentos, merenda e respeito às regras de convivência são citadas, principalmente, por alunos e pessoas de fora da escola, mas também por membros da equipe escolar. Esses, no entanto, tendem a enfatizar aspectos mais abstratos da qualidade da educação, como o desenvolvimento da cidadania, a motivação dos alunos, a necessidade de formação em serviço dos profissionais ou os anseios da comunidade.

A preocupação mais prática com o futuro, em relação ao trabalho ou à faculdade, surge com maior frequência entre os alunos e as pessoas de fora da escola, sendo que as equipes escolares do Rio Grande do Sul parecem relativizar mais a preparação para o curso superior do que as de Pernambuco.

O Senhor... Mire veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais – mas elas estão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão.

JOÃO GUIMARÃES ROSA

Grande Sertão: Veredas.

NOVA FRONTEIRA, 1999

AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO

O terceiro aspecto importante relaciona-se com a constatação de que, entre os diversos grupos de entrevistados, estão presentes reflexões e desejos de transformação da escola e projetos de vida pessoal em que a ampliação do conhecimento ocupa lugar importante. Essas aspirações, ricas em sua natureza e alcance, constituem um desafio à escola e à sociedade. As oportunidades educacionais e o atual sistema de ensino parecem estar longe de preencher todas essas expectativas e desejos, os quais configuram um potencial significativo de mudança, presente em segmentos raramente ouvidos.

SISTEMA DE AVALIAÇÃO E PROMOÇÃO

Uma quarta questão nos chama a atenção: a Consulta constatou alguns pontos polêmicos sobre os quais os diversos grupos pesquisados possuem opiniões conflitantes. Um deles é o sistema de avaliação e promoção adotado pelos sistemas de ensino (como adoção de conceitos e organização em ciclos), que muitas vezes provocaram comentários bastante críticos de alguns professores. Por outro lado, vários alunos mencionaram o trauma que pode significar a reprovação na escola. Esse parece ser um ponto de discórdia que merece maior reflexão.

VIOLÊNCIA

Um tema importante pouco referido na consulta é a violência, hoje bastante retratada nos meios de comunicação. Permeando algumas respostas, foram registradas preocupações com a segurança, com a presença de “bagunceiros” na porta da escola e problemas similares. No entanto, não houve grande destaque para o assunto.

Contudo, vários problemas levantados pelos entrevistados dizem respeito a questões que, indiretamente, contribuem para o surgi-

mento de situações de violência, como ressaltam estudos realizados em escolas do Rio de Janeiro e de São Paulo. A decadência dos prédios escolares, as rotinas pouco interessantes, a falta de diálogo entre a família e a escola, a ausência de regras de convivência pactuadas, a discriminação, a falta de oportunidades e de espaços para a sociabilidade são todos fatores associados por esses estudos a situações de violência, e que foram registrados em muitas das escolas consultadas.

O ESTÍMULO À REFLEXÃO

Outro aspecto foi identificado pelas pesquisas de campo realizadas nos dois estados: o contato com os entrevistadores e com o questionário despertou o interesse de pessoas de dentro e fora das escolas. Elas consideraram importante responder às questões e aprovaram a discussão desses temas nas escolas e nas comunidades. Muitos afirmaram “nunca ter pensado” sobre determinados aspectos abordados no questionário.

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE PARA TODOS

Todos esses dados reforçam a idéia de que a qualidade na educação não pode ser definida de modo unilateral e definitivo, mas é um conceito a ser construído socialmente, em tempos e espaços determinados. Dessa forma, deve ser objeto de negociação, reflexão coletiva, contínua revisão, assim como é o próprio processo educativo.

Nesse processo, a troca de idéias e a consideração do conhecimento já existente sobre o tema tanto nas escolas como fora delas nas famílias e comunidades, e também nas universidades, nas equipes de supervisão das secretarias de educação e nas organizações da sociedade civil são condição para o aperfeiçoamento da educação numa direção mais democrática e humana e para a concretização do direito à educação de qualidade para todos.

COMO AGIR

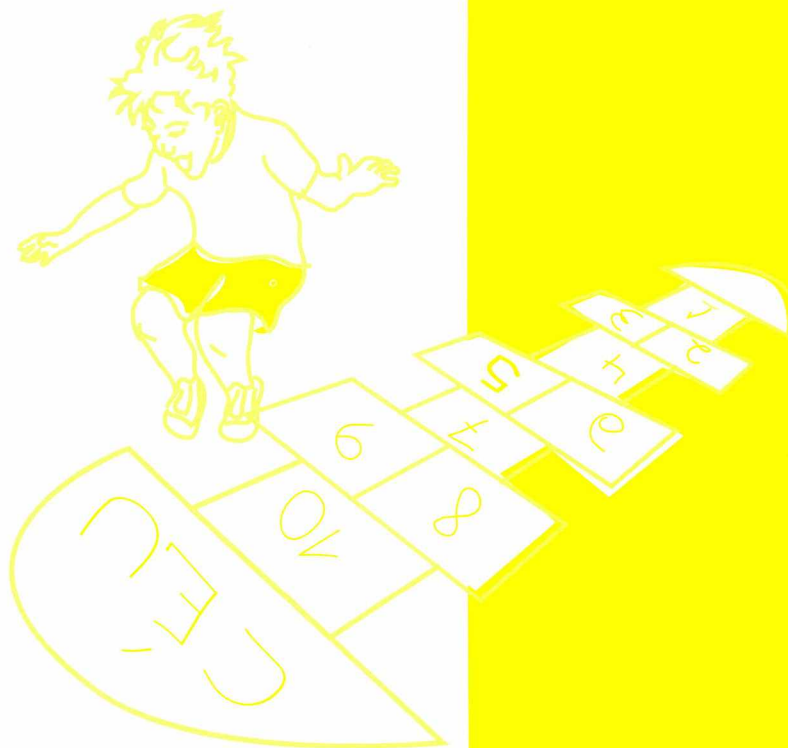
Algumas recomendações

ESTADO

- Garantir a existência de mecanismos que propiciem a continuidade das equipes escolares, de modo que as relações humanas possam se desenvolver e amadurecer.
- Garantir possibilidades básicas de infraestrutura e de higiene/limpeza, a fim de criar um ambiente onde as condições de convivência reflitam um ambiente de respeito aos integrantes da escola e ao processo de ensino-aprendizagem.
- Garantir aos profissionais de educação o acesso à formação inicial de qualidade e assegurar formação continuada em serviço.
- Reconhecer e resgatar a escola enquanto espaço privilegiado de aprendizagem e socialização.
- Proporcionar o estreitamento das relações entre os diversos órgãos educacionais, como secretarias de educação, delegacias de ensino e escolas, para incentivar o sentimento de co-responsabilidade.

UNIVERSIDADE

- Proporcionar aos profissionais da educação uma formação que contemple, além de conhecimentos cognitivos e uma didática que instigue a reflexão, a discussão sobre os valores que permeiam a vida em sociedade, garantindo uma reflexão sobre a qualidade das relações humanas no interior da escola – questão crucial para a aprendizagem. A preocupação com a qualidade das relações humanas passa por questões de respeito à diversidade, de direitos humanos e ética.



ESCOLAS

- Criar instâncias e procedimentos para aprofundar a comunicação com a comunidade escolar (pais, alunos, professores, funcionários, diretores, etc.), envolvendo-a em discussões sobre currículos, aprendizagem e outros aspectos do conteúdo e da dinâmica escolar, e também traçando estratégias de ação.
- Criar mecanismos para que a escola valorize e cultive boas relações humanas em seu interior.
- Estabelecer regras de convivência e respeito que propiciem boas relações pessoais, bem como um ambiente limpo e bem-cuidado.

Bibliografia

- BALAGEUR, Irene; MESTRES, Juan; PENN, Helen. *Qualidade dos serviços às crianças*: Documento de discussão. Rede Europeia de Acolhimento de Crianças. Comissão das Comunidades Europeias. s.l., s.d.
- CENTRO de Cultura Luiz Freire. Equipe de Educação. *Decifrando o conceito de qualidade na educação*. Olinda: CCLF, 2001 (mimeo).
- CAMPOS, Maria Malta. A qualidade da educação em debate. *Cadernos do Observatório* n. 2. Rio de Janeiro: IBASE/Observatório da Cidadania, out. 2000. p. 45-70.
- . *Consulta sobre qualidade da educação na escola*: Relatório técnico final. Textos Fundação Carlos Chagas 21, 2002.
- . O dia mais feliz na escola: o que uma pesquisa sobre qualidade da educação pode sugerir para uma escola melhor. *Pátio* n. 22, ano VI. Porto Alegre: ArtMed, jul./ago. 2002. p. 38-41.
- CARDIA, Nancy. A violência urbana e a escola. *Contemporaneidade e Educação*, n. 2. Rio de Janeiro: IEC, ano II, set. 1997. p. 26-69.
- CAVALLEIRO, Eliana (org.). *Racismo e anti-racismo na educação*: Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro/Summus, 2001.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. Relações entre a quantidade e a qualidade no ensino comum. *Revista da ANDE*, ano 1, n.1. São Paulo: ANDE, 1981. p.49-56.
- DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. *Beyond quality in early childhood education and care*. Postmodern perspectives. Londres: Falmer Press, 2000.
- GENTILI, Pablo & SILVA, Tomás T. (orgs.). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- IMAGE. *Alceste. Version 4.0, Windows*. Toulouse: IMAGE, 1998.
- LUCINDA, M. Consolação; NASCIMENTO, M. Graças; CANDAU, Vera M. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MOSS, Peter. Para além do problema com qualidade. In: Machado, Maria L. A. (org.). *Encontros e desencontros em educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-25.
- TAVARES, Marialva Rossi. O programa ALCESTE e um exemplo de aplicação em pesquisa em Representação Social. *Estudos em Avaliação Educacional*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, no prelo.
- THURLER, Monica G. A eficácia das escolas não se mede: ela se constrói, negocia-se, pratica-se e se vive. *Idéias*, n. 30. São Paulo: SEE/FDE, 1998. p. 175-204.
- TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Anexo 1

*Distribuição dos entrevistados por escola,
segundo o estado de origem*

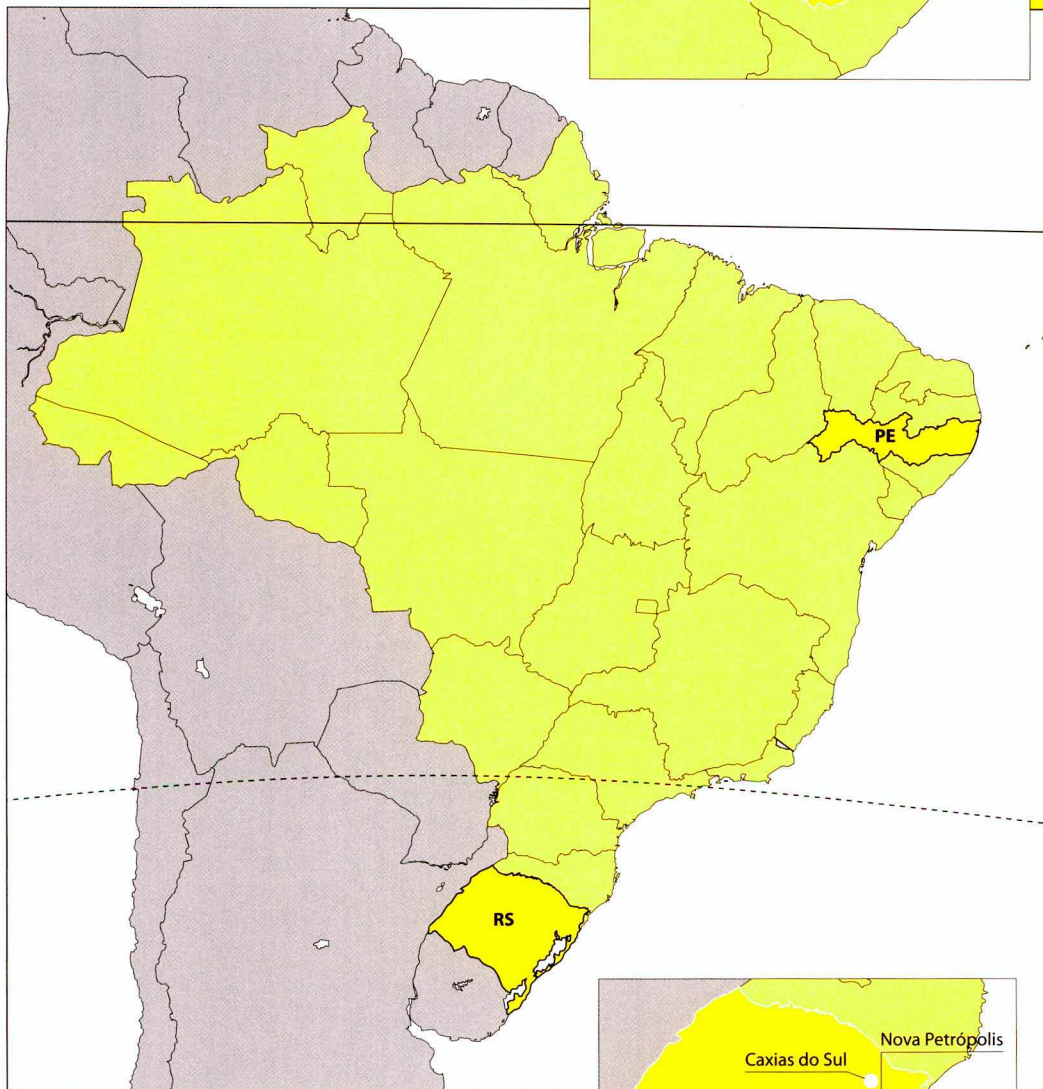
PERNAMBUCO

Total de escolas: 10 (ensinos fundamental e médio)

Escolas particulares: 2 (Recife e Carpina)

Escolas públicas estaduais: 3 (Recife e Paudalho)

Escolas públicas municipais: 5 (Recife e Paudalho)



RIO GRANDE DO SUL

Total de escolas: 11 (ensinos fundamental e médio)

Escolas particulares: 2 (Porto Alegre e Nova Petrópolis – rural técnica)

Escolas públicas estaduais: 6 (Porto Alegre, Caxias do Sul e Santa Maria)

Escolas públicas municipais: 3 (Porto Alegre, Rio Grande e Caxias do Sul)



Anexo 2

Perfil dos entrevistados

Distribuição porcentual dos entrevistados por faixa etária segundo o estado e a categoria

IDADE	PE (em %)			RS (em %)		
	alunos (n= 92)	prof./dir./fun. (n=106*)	outros (n=89)	alunos (n=84)	prof./dir./fun. (n=102)	outros (n=153)
até 20	87,0	0,9	7,9	98,8	–	19,0
21 a 40	12,0	64,2	33,7	1,2	45,1	34,0
41 e +	1,1	33,9	58,5	–	54,9	47,0

* Um sujeito sem informação.

Em PE, a concentração de alunos nas faixas etárias de 21 anos ou mais é grande: 13%. Isso indica que jovens que já poderiam estar cursando o ensino superior ou profissional ainda estão retidos nos ensinos fundamental e médio. No RS, esse índice cai para 1% apenas.

Distribuição porcentual dos entrevistados por cor segundo o estado e a categoria

COR	PE			RS		
	alunos (n= 92)	prof./dir./fun. (n=106)	outros (n=89)	alunos (n=84)	prof./dir./fun. (n=102)	outros (n=153)
branca	39,1	35,8	34,8	76,2	79,4	60,8
preta	28,3	35,8	44,9	15,5	11,8	23,5
parda	31,5	25,5	20,3	8,3	4,9	15,0
amarela	–	0,9	–	–	2,9	0,7
indígena	1,1	2,0	–	–	1,0	–

A distribuição dos entrevistados pela cor reflete as características da população dos estados. Pretos e pardos somados correspondem a 62% do total de entrevistados em PE e a 28% no RS.

Distribuição porcentual dos entrevistados por faixas de renda mensal segundo o estado e a categoria

RENDA	PE			RS		
	alunos (n=89)	prof./dir. (n=77)	func./outros (n=118)	alunos (n=84)	prof./dir. (n=81)	func./outros (n=174)
sem renda	1,1	–	30,5	–	1,2	20,7
até 1 SM	23,7	–	22,0	17,9	–	18,4
1 a 2 SM	13,5	14,3	22,0	21,4	4,9	16,7
2 a 5 SM	25,8	46,8	11,0	22,6	23,5	25,9
5 a 10 SM	10,1	33,8	5,9	15,5	40,7	9,8
+ de 10 SM	6,7	5,1	8,6	8,3	29,7	5,7
não sabe	19,1	–	–	14,3	–	2,8

Distribuição dos entrevistados por religião segundo o estado

RELIGIÃO	PE		RS	
	N	%	N	%
protestante	5	1,7	2	0,6
católica	180	62,7	203	59,9
evangélica	56	19,5	54	15,9
espírita	5	1,7	20	5,9
afro-brasileira	–	–	4	1,2
outra	5	1,7	5	1,5
nenhuma	36	12,7	51	15,0
total	287	100 %	339	100 %

ESCOLARIDADE

A maioria dos professores e diretores (quase 90%) conta com nível superior de escolaridade. Na categoria “outros”, que no caso inclui os funcionários das escolas, a maior parte dos sujeitos aparece com o nível fundamental incompleto: 47,5% em PE e 58,6% no RS. Apenas 17,8% dos gaúchos e 10,9% dos pernambucanos incluídos na categoria “outros” completaram o ensino médio.

A escolaridade dos alunos reflete o grau de ensino no qual estão matriculados, observando-se uma pequena diferença entre as amostras dos dois estados, sendo que os alunos de PE encontram-se proporcionalmente mais representados no ensino médio: 34,8% contra 28,6% dos gaúchos.

A formação escolar informada pelos pais e responsáveis entrevistados revela a mesma tendência da amostra de PE contar com um nível de escolaridade ligeiramente superior ao da amostra do Sul: 21,3% dos pais ou responsáveis de PE dizem ter completado o ensino médio, em comparação com 13,1% daqueles do Sul.



Apoio:

Actionaid

Oxfam

Save the Children

Novib



Campanha NACIONAL
pelo **DIREITO à
EDUCAÇÃO**

